



EM CRUZEIRO NA FRANÇA

Casal preso com R\$ 2,5 milhões em cocaína

Brasileiros de SC foram acusados de tráfico internacional de drogas, no início deste mês

PARA  
ACESSAR  
APONTE  
O CÉLULAR  
PARA  
O QR CODE

EDILSON DANTAS



# O CÉU É O LIMITE

## Maior ocupação vertical do país vai virar conjunto habitacional

ELISA MARTINS  
email@oglobo.com.br

“O silêncio é uma prece.

Após as 22h, é obrigatório”. O aviso se destaca logo na entrada, depois da portaria que controla o vaivém no Edifício Prestes Maia, no Centro de São Paulo. O movimento já foi intenso no gigante de 22 andares, de fachada desgastada e tapumes nas janelas, símbolo de um déficit habitacional igualmente descomunal na cidade. Cerca de 470 famílias sem moradia já ocuparam o prédio, em espaços improvisados divididos por madeira. Era uma microcidade, a maior ocupação vertical do país e uma das maiores da América Latina. Hoje restam 63 famílias, e o barulho vem mais do trânsito da rua do que dos moradores. É que, mais de 20 anos depois da primeira ocupação, o Prestes Maia entra numa nova fase.

As famílias deixam o prédio aos poucos com a expectativa de que, enfim, será reformado. A previsão é que as obras comecem na primeira quinzena de maio, e que o Prestes Maia se oficialize como condomínio residencial, com 287 unidades. Quando isso acontecer, será o fim de uma novela de idas e vindas e promessas do poder público.

O prédio abrigou uma fábrica de tecidos nos anos 1950, que fechou anos depois. A primeira ocupação foi em 2002. Em 2007, havia

um plano de que fosse reformado. Nada aconteceu, e as famílias voltaram em 2010. Em 2015, o edifício foi desapropriado, depois de anos de dívidas de IPTU acumuladas. A requalificação para habitação social ficou a cargo do governo federal, mas o plano acabou travado com o fim do programa “Minha Casa, Minha Vida”.

A esperança de reforma vem agora pela prefeitura, que assumiu o projeto por meio de um programa habitacional do município chamado “Pode Entrar”, criado no fim de 2021. O município entra com os recursos, enquanto o licenciamento e o projeto ficam a cargo de uma entidade parceira. No caso do Prestes Maia, a responsabilidade é da entidade Apoio, sob acompanhamento do Movimento de Moradia na Luta por Justiça (MMLJ). A requalificação é estimada em cerca de R\$ 57 milhões e inaugura as ações do “Pode Entrar”.

— A primeira coisa que eu vou fazer é arrumar o quarto das minhas filhas — conta Elisângela dos Santos, de 36 anos, mãe solo de duas meninas, de 12 e 4 anos.

As três dormem em uma mesma cama no espaço de um cômodo sem banheiro nem cozinha. Não há espaço para mais. Nascida no interior da Bahia, Elisângela morou em uma pensão perto dali, mas não conseguiu manter o alu-

guel de R\$ 800. A saída foi o Prestes Maia. Lá se vão 12 anos e, pela primeira vez, ela diz que se sente segura para deixar o prédio.

— Já ouvimos muita promessa (de reforma). Já vi muita gente sair e voltar. Mas, desta vez, parece que vai acontecer — anseia.

Enquanto recolhe um carrinho de boneca da caçula e outros pertences, Elisângela conta que está de mudança para outra ocupação ali perto. É de lá que vai esperar os cerca de dois anos previstos da reforma. Muitas famílias fizeram o mesmo. As que podem, pagam aluguel em pensões ou prédios perto dali.

Apenas os oito primeiros andares do Prestes Maia continuam ocupados. Com o esvaziamento do edifício, os andares superiores são fechados, e os últimos moradores remanejados para os andares mais baixos por integrantes do MMLJ, responsável pela organização do local e de outras 20 ocupações em São Paulo.

Há poucos dias, Gorete Campos desceu do nono para o primeiro andar. Há cinco anos no Prestes Maia, o espaço onde dorme é também uma vendinha de mantimentos, doces e salgados, que ela prepara de avental e cabelos presos em uma trança comprida. A porta foi pintada por crianças e grafiteiros, que também coloriram outros espaços do edifício de concreto.

— Meu sonho é ter meu próprio banheiro, uma pia grande na cozinha, um quarto limpinho — enumera ela, nascida no Maranhão há 49 anos.

Há dois banheiros por andar, que são compartilhados entre os moradores. Eles se encarregam da limpeza dos espaços comuns, e cada família tem seu dia na escala. Nos corredores o chão é de tacos, muitos faltando. Por ali há plantas, brinquedos, carrinho de bebê, sofá e varais de roupas, entre outros itens que não cabem dentro dos barracos de madeira.

### CONVIVÊNCIA

É também do corredor, sentada no chão, à porta, que Rosilene Silva, de 39 anos, conversa com a vizinha da frente e uma amiga. Em casa, diz, mal cabem uma cama, geladeira e fogão. É o que ela e o marido levarão quando saírem do Prestes Maia para outra ocupação, quando as obras começarem.

— Vai ficar muita coisa pra trás. Mas a expectativa é grande — diz ela, que perdeu o emprego de auxiliar geral em uma churrascaria durante a pandemia.

Segundo o MMLJ, todas as famílias já entregaram à prefeitura a documentação que comprova que pertenciam ao Prestes Maia.

— A portaria vai ser a última a ser desmobilizada. Agora é a construtora en-

trar — diz Silmara da Costa, uma das coordenadoras do movimento.

A reforma do edifício é parte de um complexo quebra-cabeça habitacional em São Paulo. A Secretaria Municipal de Habitação de São Paulo (Sehab) acompanha ao menos 51 prédios ocupados apenas na região central com algum tipo de risco. Segundo a pasta, dez deles foram classificados como prioritários para solução.

— É um problema do tamanho da cidade de São Paulo — admite o secretário municipal da Habitação, João Farias.

A previsão, afirma, é transformar outros dez edifícios em moradia popular por meio do programa “Pode Entrar”. Para ter direito ao benefício, as famílias devem ter renda de até três salários mínimos e nunca terem sido beneficiadas com uma unidade habitacional.

— O Pode Entrar se tornou uma política de estado. Garantiu recursos para requalificar o Prestes Maia e garantir um total de 49 mil unidades, que é um recorde para a história de São Paulo — afirma o secretário.

Mesmo assim, o desafio é complexo. Dos andares mais altos do Prestes Maia, a vista da janela de tapumes é de um mar de carros e de prédios antigos abandonados.

— Enquanto houver famílias sem moradia e prédio vazio sem função social, vai haver ocupação — diz Ivanilda Rodrigues, outra das coordenadoras do MMLJ.

O edifício leva o nome justamente de um urbanistas responsáveis pela consolidação da profissão no país. Prestes Maia também foi prefeito da cidade de São Paulo por dois períodos (1938-1945 e 1961-1965), com gestões marcadas por grandes obras, como a construção do Estádio do Pacaembu, do Viaduto Jacareí, e da Ponte das Bandeiras.

### Em casa.

Moradoras do Edifício Prestes Maia conversam na porta do barraco: prefeitura promete reforma



“A primeira coisa que eu vou fazer é arrumar o quarto das minhas filhas”

**Elisângela dos Santos,** mãe solo de duas meninas, de 12 e 4 anos

“Enquanto houver famílias sem moradia e prédio vazio sem função social, vai haver ocupação”

**Ivanilda Rodrigues,** coordenadora do MMLJ